

SIM, O PULSO AINDA PULSA

“WHEN you grow up your heart dies”. Não há um adolescente que não tenha entrado em pânico na década de oitenta ao ouvir essa frase da boca de Allison Reynolds em *Clube dos Cinco* (*The Breakfast Club*, 1984), de John Hughes. Nós, nascidos na década de 70, crescemos atormentados com a possibilidade do nosso coração morrer quando nos tornássemos adultos. Em plena crise da adolescência a nossa preocupação maior era com o nosso futuro, com manter o nosso coração vivo e pulsando. Como se o simples fato de ser adolescente já não fosse o suficiente para tornar o mundo um lugar um tanto inóspito: o corpo ganha contornos diferentes, as paixões são avassaladoras, a voz muda, espinhas surgem e de uma hora para outra você começa a ser cobrado como um adulto, mas quando apresenta suas confusões, dramas e dores para o mundo você é tratado como criança.

Assisti *Clube dos Cinco* pela primeira vez através da janela da casa de uma amiga de infância. Ela era uma japonesa, mais velha que a maior parte da turma (en-

quanto a maioria tinha nove ou dez anos ela já tinha uns quinze). Ela era a menina mais idolatrada do grupo, todo mundo queria ser seu amigo, afinal, enquanto a gente estava entrando na adolescência, ela já a vivia em toda a sua intensidade. Em uma tarde de sábado ela chegou da locadora com um filme nas mãos. Naquela época ela ainda era a única com um vídeo cassete na turma, mas sua família não gostava do bando dentro de casa. A sala da frente da sua casa tinha uma enorme janela e era lá que ficava a TV com o vídeo. Então, a gente se acomodou do jeito que deu do lado de fora do janelão e lá dentro ela colocou o filme para rodar. Fomos apresentados a um *nerd*, um atleta, uma maluca, uma princesa e um mau elemento (ou como o próprio filme coloca, um criminoso) e junto com eles assistimos pela primeira vez a um filme de John Hughes. O mundo nunca mais foi o mesmo, pelo menos não para mim. Muito do que escrevo hoje tem um pé fincado no universo desse diretor e nos seus personagens com os quais ainda me deparo vez ou outra quando me olho no espelho.



POR VERGINIA GRANDO



John Hughes foi o cineasta que levou para a tela os dramas dos adolescentes que viveram durante a Guerra Fria, que viram a descoberta da AIDS acontecer ao mesmo tempo do seu despertar sexual; uma época onde a liberdade sexual conquistada na década anterior ganhava força e as relações homoafetivas se tornavam cada vez mais abertas, onde as mulheres começavam a ganhar o mercado de trabalho conquistando cargos mais altos, a separação de casais se tornava cada vez mais comum e a estrutura familiar ia se modificando drasticamente. E junto com tudo isso a gente tentava se entender, entender o mundo, se sentir aceito e, principalmente, não se sentir sozinho. Então veio *A Garota de Rosa Shocking* (*Pretty in Pink*, 1986), *Curtindo a Vida Adoidado* (*Ferris Bueller's Day Off*, 1986), *Alguém Muito Especial* (*Some Kind of Wonderful*, 1987), *Gatinhas e Gatões* (*Sixteen Candles*, 1984) (esse eu corri atrás depois de ver *Clube dos Cinco*, foi o primeiro filme mais conhecido do John Hughes), *Mulher Nota Mil* (*Weird Science*, 1985), *Ela Vai Ter Um Bebê* (*She's Having a Baby*, 1988), entre outros filmes que foram dirigidos e/



NA PÁGINA ANTERIOR: ALLY SHEEDY (COMO ALLISON REYNOLDS) EM *CLUBE DOS CINCO* (1984)
ACIMA: CENA DE *CLUBE DOS CINCO* COM JUDD NELSON (JOHN BENDER), EMILIO ESTEVEZ (ANDREW CLARK), ALLY SHEEDY (ALLISON REYNOLDS), MOLLY RINGWALD (CLAIRE STANDISH) E PAUL GLEASON (RICHARD VERNON)



ou escritos por Mr. Hughes. Filmes que mostravam as dificuldades de crescer e se tornar adulto em um mundo que parecia girar cada vez mais depressa e onde ser aceito e amado é, bem lá no fundo, tudo o que se busca – mesmo que a forma de expressar isso muitas vezes seja meio torta. Os finais desses filmes sempre são, em maior ou menor grau, um tanto sentimentais e como o próprio John Hughes disse em uma entrevista “isso tem a ver bastante com o fato de que quando você é adolescente você quer que as coisas terminem bem e isso quase nunca acontece (...), então no final dos meus filmes eu gosto de sair do que seria a realidade e dizer: olhe, é isso que eu desejo pra você. Na vida as coisas podem não sair exatamente do jeito que você queria, mas nos filmes elas podem”. Assim a vida se tornava um pouco mais leve, podíamos até rir de alguns dramas juvenis (nossos dramas) de vez em quando e no final sentíamos que não, nossa vida não era um filme, mas em algum momento a seríamos aceitos. Nós, adolescentes da década de oitenta, tínhamos encontrado uma voz através de Ferris Bueller, Cameron, Andie e tantos outros personagens.



Resumir o cinema adolescente da década de oitenta a John Hughes seria um erro. Outros filmes que também dialogavam com os medos e anseios desse público na época devem ser reconhecidos como *Quero Ser Grande* (*Big*, 1988), de Penny Marshall, *De volta Para o Futuro* (*Back to the Future*, 1985), de Robert Zemeckis, *Namorada Aluguel* (*Can't Buy Me Love*, 1987), de Steve Rash, *Dirty Dancing: Ritmo Quente* (*Dirty Dancing*, 1987), de Emile Ardolino, *Curso de Verão* (*Summer School*, 1987), de Carl Reiner, só para citar alguns. O que parece unir todos esses filmes é a preocupação dos personagens com o futuro e de certa forma com os seus pais: muitos personagens parecem não querer crescer para não se tornarem iguais a seus pais ao mesmo tempo em que parecem dizer aos adultos: “Ei, estou aqui e você já foi assim um dia. Seu coração não tem que morrer porque você tem uma família, um emprego e um monte de contas para pagar”. Há uma certa urgência e um pedido de atenção nesses filmes, é fato.

A geração John Hughes cresceu e hoje tem seus trinta anos, alguns beirando quarenta. Muitos ainda solteiros, sem filhos, morando com os pais, tentando conciliar trabalho com prazer e mesmo os que moram sozinhos ainda sentem certa dificuldade em criar raízes. A passagem para a vida adulta é prorrogada; o coração continua batendo e é isso o que importa. Lembro agora do filme *Toda Forma de Amor* (*Beginners*, 2010), de Mike Mills, onde o personagem Oliver ao se referir a sua geração, essa que cresceu na década de oitenta, diz: “Nós não fomos à guerra. Nós não tivemos que nos esconder para transar. A nossa boa sorte nos permitiu sentir uma tristeza para a qual os nossos pais não tiveram tempo e junto com essa tristeza uma felicidade que eu nunca vi neles”. Talvez esteja aí a chave para entender os jovens personagens do *Clube dos Cinco* que cresceram: só ter sucesso não importa tanto, o que

importa é criar espaço para que os momentos de felicidade aconteçam. E qual o problema em casar, ter filhos, ficar vinte anos em um mesmo emprego e a famosa estabilidade econômica? Nenhum, a não ser o medo da estagnação, das separações (entenda aqui perda), das cobranças, do coração que para e de não mais ter tempo para poder sentir essa tristeza que nos mostra o caminho da felicidade, até que por fim nos tornamos os nossos pais, o que talvez seja em algum momento inevitável.

Longe de querer defender alguma verdade, todas as ideias apresentadas aqui são somente conjecturas, divagações de alguém que enquanto escreve esse texto tenta também se encontrar, se entender e olhar para sua própria geração para conseguir dar mais um passo adiante nessa difícil arte de crescer. Se tornar adulto, como quase tudo na vida, me parece uma escolha e toda escolha gera um pequeno buraco das coisas que poderiam ter sido. Mas, não querer crescer parece uma atitude covarde. A escolha é a nossa maior forma de ser livre e evitá-la pode levar a uma prisão sutil: a vida se torna um ato do acaso, das escolhas dos outros e não das nossas. Não há felicidade que possa germinar nem por um segundo em um terreno onde nada foi construído a partir de uma decisão consciente, de uma escolha seguida de certa fé no que virá. A própria possibilidade que uma decisão pode gerar muitas vezes já é motivo para um sorriso, por mais difícil ou triste que essa decisão seja. Crescer é um ato constante, diário, independe de idade. Criar raízes não é um problema, deixar de escolher com base no medo é que pode ser fatal.

Os adolescentes da geração oitenta são preocupados com o futuro agora se dão conta que o futuro chegou e tentam achar no presente uma forma de serem adultos sem perder a leveza. Alguns ainda assistem aos filmes de John Hughes, agora tidos como

cult, com o mesmo entusiasmo da primeira vez. Já ouvi relatos de pais emocionados por finalmente ter chegado o dia de ver *Curtindo a Vida Adoidado* com o seu filho pré-adolescente. Esses filmes parecem ter deixado algum tipo de marca em quem os assistiu lá atrás, em um mundo muito diferente desse que temos hoje. Um mundo que ainda vive dentro de muitos homens e mulheres, trintões e quarentões, e que escapa para o aqui e agora através de um certo romantismo, de uma certa inadequação com velocidade do consumo e da impessoalidade das relações nos tempos modernos. Volto a pensar naquela tarde de sábado perdida em algum lugar dos anos oitenta, naquele bando de adolescentes vendo *Clube dos Cinco* pela primeira vez através de um janelão... Me emociono com a lembrança e meu lado romântico diz que ainda há tempo; que entre acertos e erros o meu coração, e de muitos ao meu redor, ainda bate muito forte. Quando a gente cresce o nosso coração morre. E quem se importa? Todos nós, pelo menos deveria ser assim.

